



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

EDUCAÇÃO DIGITAL INCLUSIVA: A INFORMÁTICA COMO POSSIBILIDADE METODOLÓGICA DE ENSINO

Leia Duarte Bazan

leiagustavo@hotmail.com

Aldenor Batista da Silva Junior

aldenorbsipsi@gmail.com

Graziela Cristina Jara

grazijarasantos@gmail.com

Resumo: a educação inclusiva é garantida por lei e veio para mudar a realidade da educação no Brasil. Em meio a toda evolução atual, o processo tecnológico tem auxiliado significativamente a aprendizagem das crianças, de modo específico das crianças com necessidades educacionais especiais. Nesse sentido, é necessário que todos os envolvidos nesse processo estejam aptos para torná-lo efetivo; de modo especial, os educadores precisam estar preparados para que essa tecnologia seja realmente uma ferramenta que auxilie no processo de ensino e aprendizagem, fazendo com que as crianças com necessidades especiais sintam-se, verdadeiramente, incluídas, em sala de aula. O estudo tem por objetivo analisar as ferramentas tecnológicas e como estas podem auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica, que buscou, através das obras e textos publicados, responder ao questionamento levantado. Evidenciou-se que a informática pode, sim, fazer com que os interesses dos alunos sejam despertados e melhorados, de forma a propiciar a integração e contribuir para o aprendizado.

Palavras-chave: Informática, Inclusão, Aprendizagem.



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

1 Introdução

A tecnologia é uma forma de evolução que veio para auxiliar o desenvolvimento de qualquer área, inclusive a da educação, haja vista que se tornou uma ferramenta de aprendizagem. Nas escolas, os laboratórios de informática são espaços nos quais as crianças têm acesso à tecnologia para o aprendizado; contudo, nem sempre essa ferramenta tem sido bem utilizada, uma vez que são, às vezes, pouco exploradas.

No caso de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais-NEE, segundo Valente (1991), as crianças podem ser estimuladas, auxiliando na recuperação de perdas cognitivas, pois esta é uma forma de integrá-las a um ambiente que seja capaz de lhes proporcionar desenvolvimento. Esse autor afirma que “[...] a função do aparato educacional não deve ser a de ensinar, mas a de promover o aprendizado” (VALENTE, 1991, p. 17); nesse sentido, a informática se apresenta como uma ferramenta muito importante dentro desse processo, viabilizando motivação e interesse desses alunos, o que resulta no desenvolvimento deles. O estudo tem por objetivo analisar as ferramentas tecnológicas e como estas podem auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais.

Para tanto, optou-se pela pesquisa bibliográfica, que consiste no estudo de registros de autores acerca de indivíduos, grupos, comunidades e instituições cujos estudos conduzem à compreensão de aspectos sociais, conhecimento de problemas e descoberta de fenômenos relacionados ao assunto, prescritos em artigos, livros e outros (MARCONI e LAKATOS, 1996).

2 A inclusão como direito

De acordo com Amaral (1994, p. 36), inclusão trata do “Acesso da pessoa portadora de deficiência ao mundo que a rodeia: o mundo físico e o mundo das relações sociais; o mundo escolar; o mundo do trabalho; o mundo da cultura, do esporte e do lazer [...]”. Como



6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

forma de regulamentar esse direito às pessoas com deficiências físicas, entra em cena a Lei nº 7853 de 24 de outubro de 1989, em seu Art. 2º, para garantir que essas pessoas tenham pleno direito dos seus direitos básicos. No que diz respeito à educação, esse dispositivo legal se pronuncia da seguinte forma:

- a) a inclusão, no sistema educacional, da Educação Especial como modalidade educativa que abranja a educação precoce, a pré-escolar, as de 1º e 2º graus, a supletiva, a habilitação e reabilitação profissionais, com currículos, etapas e exigências de diplomação próprios;
- b) a inserção, no referido sistema educacional, das escolas especiais, privadas e públicas;
- c) a oferta, obrigatória e gratuita, da Educação Especial em estabelecimento público de ensino;
- d) o oferecimento obrigatório de programas de Educação Especial a nível pré-escolar, em unidades hospitalares e congêneres nas quais estejam internados, por prazo igual ou superior a 1 (um) ano, educandos portadores de deficiência;
- e) o acesso de alunos portadores de deficiência aos benefícios conferidos aos demais educandos, inclusive material escolar, merenda escolar e bolsas de estudo;
- f) a matrícula compulsória em cursos regulares de estabelecimentos públicos e particulares de pessoas portadoras de deficiência capazes de se integrarem no sistema regular de ensino (BRASIL, 1989, p. 3).

Diga-se de passagem que qualquer pessoa, independentemente de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente de cor, religião, idade ou classe social, tem, garantido por lei, neste caso a Constituição Federal de 1988, o direito à educação (AMARAL, 1994).

O ser humano tem necessidades básicas que lhe proporcionam uma vida digna, a saber: o direito à saúde, educação e saneamento básico. De acordo com a Constituição de 1988, essas necessidades são comuns a todos os seres humanos. Portanto, o direito à educação inclusiva não é só um direito, mas uma necessidade, tendo em vista que todos necessitam vivenciar e conviver no espaço educacional e, desse modo, romperem as barreiras do preconceito, um véu que cobre a sociedade e ainda prejudica seu processo



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

evolutivo (BRASIL, 1998). Nesse sentido, observe-se o que Bianchetti (1998, p. 7) comenta:

[...] é preciso cultivar o olhar do estranhamento que nunca parte daquilo que está posto como natural e sempre buscar compreender as manifestações no seu processo de manifestar-se. É preciso batalhar para que a pessoa seja vista apreendida, olhada, enfim, na sua integralidade, independentemente dos atributos físicos que a tornam peculiar.

As crianças, a partir de um determinado momento da vida, passam a maior parte de seu tempo na escola, um espaço no qual elas podem conviver com as diferenças e aprender o respeito mútuo, independentemente de quais sejam essas diferenças. Nesse contexto,

As escolas devem ajustar-se a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Neste conceito devem incluir-se crianças com deficiências ou superdotadas, crianças de rua ou crianças que trabalham, crianças de populações imigradas ou nômades, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais (UNESCO, 1994, p. 3).

Assim, há necessidade de que as escolas, tanto públicas quanto particulares, tenham profissionais que possam auxiliar as crianças com NEE. Entretanto, é fato que nem todas as escolas estão preparadas para receber esses alunos, como, por exemplo, os cadeirantes, uma realidade que deveria ser mudada, com a instalação de rampas de acesso. A própria sociedade precisa entender o verdadeiro sentido de inclusão e integração, principalmente no que tange ao desenvolvimento da pessoa com necessidades especiais, haja vista que estas têm as mesmas necessidades de qualquer outra pessoa.

Bock (2002, p. 265) considera que “A escola não deve ser pensada como fortaleza da infância, como instituição que enclausura seus alunos para melhor prepará-los. É preciso articular a vida escolar com a vida cotidiana; articular o conhecimento escolar com os acontecimentos do dia-a-dia da sociedade”. Portanto, o sentido de inclusão deve incluir trabalhar, estudar, viver e se divertir com todos.

A educação inclusiva é uma proposta que tem evoluído, gradativamente, nas duas últimas décadas, tendo em vista que a sociedade internacional tem se manifestado por meio



6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

de metas que estimulam a humanização social, em um esforço para que a igualdade prevaleça e o preconceito seja esquecido, em busca de uma escola de todos e para todos (BOCK, 2002).

Pondere-se que existe, atualmente, uma dificuldade muito grande, por parte dos professores que recebem esses alunos, pois os mesmos, na grande maioria das vezes, não estão preparados, tampouco sabem como agir em casos de crianças com necessidades especiais. Por essa razão, há necessidade de se adquirir metodologia de aprendizagem, que dentro dos parâmetros tidos como normais já se faz necessário, quanto mais se tratando de alunos com necessidades especiais (CARVALHO, 2003)

O maior problema é que as práticas sociais, assim como os processos educativos formais, estão separados por dois discursos diferentes, em que um defende que a inclusão socioeducacional, em meio a tantas dificuldades, ainda se depara com o despreparo dos profissionais da educação, uma vez que estes não têm preparo e nem recebem algum tipo de informação mais adequada para vivenciar essa realidade (COSTA, 2008). O outro discurso se refere ao protótipo da integração, que, do modo como é vista, integra apenas os deficientes que conseguem adaptar-se ao meio e nele se manterem, pois, neste caso, a sociedade não tem que ser mudada para recebê-los.

A sociedade, aparentemente, não quer se adaptar a novas condições, mas defende que todos se adequam a ela. Dessa forma, quando se trata de deficientes físicos que são capazes dessa adaptação, tudo fica mais simples; enquanto se considera que o esporte pode e deve ser usado como um meio de inclusão socioeducacional, tudo deveria ser mais simples, porém não é bem assim que ocorre (COSTA, 2008).

Em se tratando de inclusão socioeducacional em que este estudo se fundamenta, observa-se que, por natureza humana, para uns o questionamento em relação ao novo é visto como dificuldade e obstáculo, para outros é apenas um mero degrau para melhoria da vida da sociedade em comum.

De acordo com Sasaki (1997), a inclusão será vista como um processo social no



integraead.ufms.br



integraead@ufms.br



[@integraead](https://www.instagram.com/integraead)



bit.ly/falecomintegraead

6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

qual se adapta pessoas no sistema geral, pessoas com necessidades especiais que são colocadas no meio social de forma a buscar uma parceria para resolver problemas, buscar soluções e efetivar a equiparação de oportunidades igualmente para todos.

Para Montoan (2003), a inclusão tem como principal função a integração; ao mesmo tempo, o que se pretende é que ocorra radical e sistemicamente, o que para alguns pode parecer uma forma, também, de abandono, levando-se em conta querer incluir o aluno que antes já foi abandonado, mas sem o devido cuidado. Para Mrech (2006, p. 3), inclusão social significa:

- a. Atender aos portadores de necessidades especiais nas vizinhanças de sua residência;
- b. Propiciar a ampliação do acesso destes alunos às classes comuns;
- c. Propiciar aos professores da classe comum um suporte técnico;
- d. Perceber que as crianças podem aprender juntas, embora tendo objetivos e processos diferentes;
- e. Levar os professores a estabelecer formas criativas de atuação com as crianças portadoras de deficiência;
- f. Propiciar um atendimento integrado ao professor de classe comum.

Nesse contexto de inclusão social, Munster (2004) considera a prática de esportes como forma natural que faz do homem um contemplador da fauna e da flora, pois o esporte não busca somente a conquista de músculos e corpo definido ou até mesmo somente um momento diferenciado, ele busca aproximar o homem do meio ambiente e, desse modo, criar novas conexões sociais. Em casos em que há deficiência, a natureza e a convivência com esta, associadas à prática esportiva acaba sendo o elo que, além de levar a que essas pessoas se realizem, ainda contribui para o desenvolvimento de novas emoções, sensações, aptidões e estímulos.

Para Munster (2004), esse relacionamento entre homem e natureza pode partir do esporte, pois este é um componente importante de convivência e harmonia, sendo ele capaz de aproximar, romper limites e estreitar distâncias:



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

Justamente pelo distanciamento observado nas relações humanas em nossa contemporaneidade, como prefiro me reportar ao momento social em questão, os Esportes na Natureza são tidos como uma possibilidade de estabelecimento de novos vínculos sociais e estreitamento dos laços nas relações interpessoais, a partir das situações de cumplicidade e parceria necessárias para sua realização (MUNSTER, 2004, p. 26).

Por meio de práticas sociais e de processos educativos, que nada mais são do que instrumentos de libertação, é que as pessoas não só buscam, mas finalmente rompem com a alienação política e a opressão social, assim como também se propõem a mudar o modelo de educação formalizado em princípios conservadoristas presos a um sistema arcaico de ensino que de nada ou pouco contribui para a edificação da cidadania (CARVALHO, 2003).

Os processos educativos são um tanto complexos, principalmente no que se refere à ação educativa que avança os limites dos muros escolares. Tanto que quando deixados de lado, o que sobra são processos de educação por meio de um contexto comum a todos, o dia-a-dia, ou seja, a própria vida é uma grande escola. Só que, nesse caso, as pessoas vivem, aprendem, experimentam novas emoções a cada dia e em um novo processo de aprendizagem elas convivem com outras pessoas, trocando informações com “mestres”, mas sem a preocupação de se transmitir algo sistematicamente bem elaborado (COSTA, 2008).

Freire (1984, p. 48) fez a seguinte observação: “Vive-se enquanto se aprende e aprende-se enquanto se vive”, o que evidencia o processo de aprendizagem ao qual se submete o homem desde o seu nascimento até sua morte, trocando experiências, dividindo espaços e construindo uma coletividade que se liga por uma identidade única. O aprender e o ensinar fazem parte de um contexto no qual a transmissão e fixação de saberes, conhecimentos, sentidos, memórias, significados e muitos outros fazem parte de um contexto social em que também é necessária a formação de pessoas.

De acordo com Freire (1997, p.15), “[...] formar é muito mais do que puramente treinar educandos no desempenho de destrezas. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar a sensibilidade para sua produção e construção”. Ainda segundo esse autor, o



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

verdadeiro mestre é aquele que permite o desabrochar do outro, pois aquele que se disfarça ou se encobre não é capaz de ensinar o respeito ao outro.

A marca dessa convivência é o respeito à individualidade de cada pessoa, de seus interesses, assim como também seus desejos, ansiedades, possibilidades, gostos, disponibilidade e disposição, para que a integração socioeducacional realmente ocorra; em muitos casos a educação física já vem auxiliando dentro desse contexto, como no caso dos portadores de deficiência (BIANCHETTI, 1998).

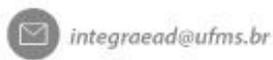
A associação de educação, cultura, esporte e lazer em forma de entretenimento social é um direito de todos, porém não é acessível a todos, pois ainda hoje existe uma parcela considerável de pessoas fora dessa realidade, pois estão desprovidas dos direitos que lhes permitem acesso a esse tipo de bem, assim como são excluídos da sociedade, sendo colocados de lado, à margem da sociedade (BIANCHETTI, 1998).

A sociedade é formada por pessoas de todas as cores, credos, costumes e crenças, e em um país como o Brasil, que é capaz de conviver com tantas cores e diferenças, ainda é possível ver pessoas marginalizadas, longe da educação e da sociedade. “Partindo desse pressuposto, cumpre-nos aqui observar o quanto as práticas sociais são relevantes para se efetivar a inclusão social, em especial quando referimo-nos àquelas que elevam a autoestima das pessoas em todos os segmentos. (MARINHO, 1999 p. 381).

Para que a inclusão socioeducativa ocorra, é necessário que, paralelamente à sala de aula, a prática esportiva seja incentivada e desenvolvida, tendo em vista que tem o mesmo intuito, busca um só objetivo, em campo, em quadras ou em pistas de atletismo, a mudança esperada poderá ocorrer (BIANCHETTI, 1998).

3 Tecnologia da informação

As TICs têm como objetivo oferecer um suporte pedagógico a professores e alunos,



6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

contribuindo para que melhorem conhecimentos e competências dentro da área da tecnologia da informática, e despertem interesse, atitudes positivas, pesquisas e divertimento frente ao computador e até mesmo à *internet*, que é atualmente a maior rede de informações mundial. Com apenas um clique, alunos e professores passam a ver o local estudado, a experiência realizada, tudo visando à melhor aprendizagem (MORAN et al., 2000).

A utilização do computador também deve apoiar alunos no ensino primário, médio e secundário, pois com o contato com essa ferramenta, desde o início da alfabetização, poderá propiciar aos alunos um mundo mais amplo de informações, contribuindo para torná-los adultos críticos, integrados, que acompanham a evolução das tecnologias, assim como seu campo de atuação e formação. Dentro dessa possibilidade, tem-se que pensar a educação tecnológica, estudar e saber usar essa tecnologia, e ser capaz de analisar tanto sua evolução quanto a repercussão que esta levará para sociedade ou trará dela.

Para que as TICs realmente funcionem ou sejam entendidas, é necessário que os alunos conheçam a história da tecnologia, de seus criadores, dos efeitos que esta tecnologia trouxe para o mundo nos âmbitos socioeconômicos, psicológicos e, ainda, quanto influenciou o mundo que as crianças e adolescentes vivem hoje. Há 30 anos o computador era mais um instrumento de trabalho do que de diversão e informação no Brasil; telefonia era algo que jamais as crianças da década de 1980 imaginariam que poderia ser levada de um lugar para outro. Esse tipo de informação é necessário para que se mostre o quanto a tecnologia é rápida em seu desenvolvimento e o quanto esta é capaz de influenciar tanto para o bem quanto para o mal.

É fato que não existe uma receita pronta ou uma resposta exata a tantas questões e adaptações do que é ou deixa de ser correto, haja vista que a ciência é feita de verdades temporárias, pois o que é fato hoje, amanhã pode vir a ser algo equivocado ou ultrapassado. Considere-se, então, que graças à evolução tecnológica o DNA humano foi desenhado, as impressões digitais são conhecidas e comparadas com milhares até seu dono ser nomeado, tudo devido à Ciência, que não para de se desenvolver.



6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

4 Tecnologia e educação inclusiva

Para que a tecnologia seja uma ferramenta eficiente no ensino, é necessário que os alunos saibam ler e interpretar textos, para poderem diferenciar as informações que a eles são transmitidas, pois estas são dadas por meio de símbolos, muitas vezes diferentes das imagens e das palavras (CHIOFI; OLIVEIRA, 2014). Nesse sentido, Cortella (1995, p. 34) chama a atenção para o seguinte:

[...] a presença isolada e desarticulada dos computadores na escola não é, jamais, sinal de qualidade de ensino; mal comparando, a existência de alguns aparelhos ultramodernos de tomografia e ressonância magnética em determinado hospital ou rede de saúde não expressa, por si só, a qualidade geral do serviço prestado à população. É necessário estarmos muito alertas para o risco da transformação dos computadores no bezerro de ouro a ser adorado em Educação.

Portanto, ao abrir-se, na escola, a entrada das tecnologias, principalmente por meio de computadores ligados à *internet*, há que se cuidar para que sejam utilizadas como ferramenta de trabalho e pesquisa dentro das várias disciplinas, como foi proposto pelo Ministério da Educação:

“Não é possível mais ignorar a tecnologia”. A frase pronunciada repetidas vezes durante os dois dias de debates da Conferência Internacional O Impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação (Tics) na Educação, que aconteceu em Brasília, nos dias 27 e 28 de abril, anuncia a consolidação de uma tendência: a incorporação das novas ferramentas e plataformas tecnológicas aos processos de aprendizagem (UNESCO, 2010).

Na última década, os sistemas de comunicação em massa e educação foram alterados devido ao desenvolvimento e difusão de novas tecnologias de informação e comunicação pela *internet*. O enorme fluxo de recursos que dão vida à *internet* provocou que muitas



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

pesquisas concordassem com a ideia de que ocorreriam mudanças radicais nas instituições, como aquelas que previam o fim da sala de aula tradicional e professores. Contudo, há que se convir que

As mudanças na educação dependem também dos alunos. Alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador. Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajudá-los melhor. Alunos que provêm de famílias abertas, que apoiam as mudanças, que estimulam afetivamente os filhos, que desenvolvem ambientes culturalmente ricos, aprendem mais rapidamente, crescem mais confiantes e se tornam pessoas mais produtivas (MORAN et al., 2000, p.17-18).

Para Almeida (2010), crianças com necessidades especiais ficam eufóricas ao se sentarem na frente de um computador; isso se deve ao fato de esse ser um mundo chamativo e atraente que as desafia. As crianças com necessidades especiais gostam das atividades que lhes são propostas nas salas de informática, porque elas conseguem visualizar os erros e refazê-los para entender o processo. Entretanto,

[...] não basta estar na frente de uma tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade. É preciso, antes de mais nada, estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 189).

A inclusão digital para pessoas com deficiência é muito importante, mais importante ainda do que para as demais pessoas, tendo em vista que esse tipo de inclusão propicia muitas oportunidades e desdobramentos positivos (LIMA, 2010). Para esse mesmo autor, esse tipo de serviço tem que ser estruturado em pressupostos como: acessibilidade, competência, eficiência, flexibilidade (serem capazes de atender a necessidades individuais) e levarem em conta a opinião das pessoas com deficiência (LIMA, 2010, p. 8).

De acordo com Rocha e Couto (2017), a experiência com o ensino de informática para pessoas com necessidades especiais demonstraram uma sensível melhoria na autoestima



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

e também no desenvolvimento de atividades cognitivas, devido ao uso de alguns programas de computador, como programas de comunicação síncrona da *internet* e jogos educativos.

De acordo com Rebelo (2005), o processo de inclusão digital é algo que possui a capacidade de melhorar as condições de vida de uma determinada comunidade; dessa forma, trata-se de um processo que não envolve somente o processo de alfabetização, mas também engloba a melhoria da sociedade por meio do manuseio de computadores.

Santarosa (2001) aponta para o fato de que a interação máquina e indivíduo acaba por proporcionar um desenvolvimento intelectual que, muitas vezes, naturalmente em sala de aula, não se consegue atingir. Desse modo, o ambiente computacional de aprendizagem deve estar sempre aberto à construção de conhecimento não somente cognitivo, mas também social e afetivo.

5 Considerações finais

A escola é um ambiente mediador, ou seja, é um ambiente no qual os conhecimentos são construídos de forma a levar a todos conhecimento e cultura, inclusive propiciando aprendizagem e inclusão. A inclusão é uma realidade hoje, mas, como tudo, ela também evolui, cresce e se aprimora. Na rede educacional, a tecnologia entrou como uma ferramenta para o desenvolvimento dos educandos e de educandos com necessidades especiais.

O desenvolvimento desse processo ainda está em seu início; experimentam-se fases de adaptação, de descoberta e de interesses que emergem a cada dia, em relação às tecnologias de informação e comunicação, assim como pelos processos de informatização e aprendizagem. Contudo, o que se sabe é que todos caminham juntos para um futuro melhor, um futuro de integração, em que as diferenças são respeitadas e a união entre pessoas, escolas e sociedade tende a ter um bom resultado com relação ao desenvolvimento de respeito, amizade e inclusão.



6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

6 Referências

ALMEIDA, R. P. **A informática colabora no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos inclusão?** 2010. Disponível em:
<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49025/000826845.pdf?sequence=1>

AMARAL, L. A. **Pensar a diferença: deficiência.** Brasília: Corde, 1994.

BIANCHETTI, L. (Org). **Um olhar sobre a diferença: integração, trabalho e cidadania.** Campinas: Papyrus, 1998.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O. E TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia.** 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. **Constituição Federal.** São Paulo: Saraiva, 1998.

CHIOFI, L. C. e OLIVEIRA, M. R. F. de. **O uso das tecnologias educacionais como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem.** 2014. Disponível em: <
<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/III%20Jornada%20de%20Didatic>
a. Acesso em: 22 fev. 2017.

CARVALHO, R. E. **Removendo Barreiras para a Aprendizagem.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

CORTELLA, M. S. **Informatofobia e Informatolatria: Equívocos na Educação.**
<http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/det.asp?cod=51889&type=P>. 2005. Acesso em:
07 mar 2017.

COSTA, C. R. A. **A Escola Inclusiva e a Diversidade.** 2008. Disponível em:
<<http://www.soprando.net/estudantes/a-escola-inclusiva-e-a-diversidade>>. Acesso em: 18
fev. 2017.

FREIRE, P. **Educação e mudança.** Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **Política e educação.** São Paulo: Cortez, 1997.



6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. 2. ed. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola. 1999.

LIMA, H. A. **Inclusão digital das pessoas com deficiências em instituições de ensino.** 2010. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/hudsonaugusto/artigo-incluso-digital-das-pessoas-com-deficiencia>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar:** O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MARCONI, M. D. A. e LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARINHO, A. Atividades de aventura na natureza: diferentes atribuições de valores. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 11. Foz do Iguaçu, 1999. **Anais...** Cascavel: Assoeste, 1999.

MORAN, J. M. et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MUNSTER, M. **Esportes na natureza e deficiência visual:** Uma abordagem pedagógica. Tese de Doutorado, Universidade de Campinas, Brasil. 2004.

REBÊLO, P. **Inclusão digital:** o que é e a quem se destina? 2005. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/REBELO%20Inclusao%20digital%20webinsider.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

SANTAROSA, L. M. C. **Integração.** Brasília: secretaria da educação especial. Ano 13, n.23, p. 6-13, 2001.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção:** Na Área das Necessidades Educativas Especiais. 1994. Disponível em: <http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf> Acesso em 28 fev. 2017.



integraead.ufms.br



integraead@ufms.br



@integraead



bit.ly/falecomintegraead

6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS